



## A LICÇÃO DAS NUVENS

Lentas e majestosas, pela altura  
passam as nuvens; — e nenhuma passa  
sem que o meu pensamento d'ella faça  
qualquer irreal, chimerica figura.

Distingo (a fantasía m'o assegura)  
monstros, cysnes, dragões, corceis de raça,  
e montanhas que o vento despedaça,  
e palacios de ephemera estructura...

Porém as nuvens dizem: «Pobre artista!  
Somos fórmulas sem vida; — a tua vista  
é que nos dá tudo o que em nós adora.

Toma cuidado, espirito imprudente,  
e não faças o mesmo, ingenuamente,  
a tudo quanto encontres vida fóra.»

## TREZ VOZES

## I

## O PHILANTHROPO

«Neste exílio da terra immensa e escura  
todos somos irmãos; o mesmo corte  
decepa o rico e o pobre, o fraco e o forte,  
aniquilla a ventura e a desventura.

Porém essa egualdade justa e pura  
só se realiza assim, perante a morte,  
e o superfluo, que a muitos cabe em sorte,  
a outros falta emquanto a vida dura.

Mas ha de vir o reino da Equidade!  
De degrau em degrau, a Humanidade  
irá subindo á perfeição mais alta.

E essa ascensão será, em parte, a obra  
de quantos saibam dar do que lhes sobra  
aos infelizes a quem tudo falta.»

II

O REFORMADOR

«Ha de chegar um dia, ó vil Riqueza,  
em que só de pão negro te regales;  
e tu, Miséria, em paga dos teus males,  
has de ter iguarias sobre a mesa.

Homem, pygmeu gigante em cada empreza,  
que Deus (se existe...) apprenda quanto vales;  
mostra-lhe tu como se atulham valles  
derrubando as montanhas, de surpresa!

Que a dynamite (a qual sem custo abate  
os ma'is duros penhascos) desbarate  
palácios e choupanas de mixtura!

E d'esse chão sem altos e sem covas  
surgirão, uma a uma, as casas novas,  
todas eguaes, todas da mesma altura.»

III

O MONGE

«Nenhum de vós escuta a sã razão!  
Para abolir a Falta e a Demasia  
não basta dar esmola, dia a dia,  
bem que esse gesto nunca seja vão.

Mas é demais derruir, na vã tenção  
de tudo erguer em pura symmetria:  
mortas a Fé e a Lei, que impediria  
o mau de ampliar á força o seu quinhão?

Cegos! cegos! — Só Christo, meu Senhor,  
nos dá normas seguras e vigor  
p'ra sondar esse mal até ao fundo.

Seguí-o, pois. — E quando toda a gente  
como eu se torne pobre, — então sòmente  
é que haverá só ricos neste mundo!»

FRANCISCO COSTA

# O MEU INSTINCTO

PAGINA DA ADOLESCENCIA

---

O meu instincto é uma tarde ardente  
Da minha vida, em flor, de adolescente,  
Que, á força de vivida,  
Eternamente continúa accesa,  
Embora o sol morresse e a Natureza  
Ficasse anoitecida!

Uma tarde de Outubro numa aldeia.  
Paizagem de pinhaes, toda ella cheia  
De vaga lethargia . . .  
A lassidão das horas do sol posto.  
Longe fervia nos lagares o mosto,  
E eu convalescia!

Tinha aberto a janella que deitava  
Para o caminho estreito que ligava  
A casa á povoação.  
E, debruçado sobre a Natureza,  
Encantado bebia-lhe a belleza  
E toda a lassidão!

Magnífica tarde em que a saude  
Vinha ao meu corpo — esplendida virtude  
Da seiva dos pinhaes!  
Mas se tudo eu sentia e queria, emfim,  
Era a falta de alguém, ao pé de mim,  
O que eu sentia mais!



Alguem que fosse a minha companhia  
Na lassidão d'aquelle fim de dia  
Tão bello e perfumado  
Que era um martyrio admirar sòsinho. . .  
— E fitava nas curvas do caminho  
A serpe do peccado!

Morria o sol, mas eu sentia a vida!  
Os horizontes davam a medida  
Da minha anciedade . .  
Fervia nos lagares, ao longe, o mosto;  
Queimavam-se volupias no sol-posto  
Por toda a eternidade!

A solidão pesava-me no peito;  
Começava a sentir-me contrafeito,  
Começava a soffrer . . .  
Quasi me entediava a Natureza,  
Fitando-a como a unica certeza  
Que alli podia ter!

Mas a janella continuava aberta  
E na paizagem languida, deserta,  
Uma mulher surgiu . . .  
Tel-a-hia creado o meu anceo?  
E tudo, á minha volta, ficou cheio  
Do que o meu ser sentiu!

Só tinha instincto essa mulher, mais nada!  
Deu a volta a um pinhal, passou á estrada,  
Desappareceu por fim . . .  
Mas nessa hora louca de anciedade  
Era, na terra, um pouco de verdade,  
E tudo para mim!

Humana flor agreste resumindo  
Os aromas da terra no ar subindo,  
Abraçal-a seria



Cingir, num abraço, a Natureza inteira!  
Seria essa a posse verdadeira  
D'aquelle fim de dia!

A Natureza fôra uma promessa:  
A certeza viera... Mas depressa  
Ao longe se perdeu...  
— E agora? — reflectia o meu cuidado.  
Sem fé, porém, de ser recompensado,  
Erguí o olhar ao ceu!

Mas que podia o céu alto e divino  
Dar ao meu forte e humano desatino  
Sem o descontentar?  
Resistir ás paixões é o mandamento  
Dos que põem em Deus o pensamento,  
A fé do seu olhar!

Resistir ás paixões!... E novamente  
O meu olhar febril de adolescente  
Baixou á Natureza,  
A beber a distancia larga e escura  
Que fôra, para mim, a sepultura  
D'uma fugaz certeza!

Como se toda a vida me fugisse,  
Nunca mais eu amasse e possuisse,  
— O' momento sem par! —  
Não vendo o brilho da primeira estrella,  
Desfallecí, exausto, na janella,  
A chorar, a chorar!

Era o vago de tudo o que eu sentia.  
Da Natureza nada recebia,  
Pois promettera em vão...  
E do Céu? Era cedo para ouvi-lo:  
— Foge ás paixões se queres viver tranquillo;  
O mundo é tentação!



Assim fechado em torvo labyrintho,  
As lagrimas ardentes do instincto  
    Rolavam-me na face —  
Tão pesadas que os olhos me doíam,  
Tão sinceras que nada esconderiam  
    Se alguém as violasse!

Longos momentos eu allí fiquei,  
A' janella, a chorar, mas abracei  
    A minha humana essencia...  
De martyrio e amparo me serviste,  
O' eterna janella que sentiste  
    A minha adolescencia!

ANTONIO ALVES MARTINS

# PROLOGO E ORAÇÃO SOBRE A MONTANHA

---

Dedicatória :

Ao Homem que ainda queira considerar-se creado á imagem e semelhança de Deus.

α

Deus, quando creou o Mundo, creou tudo o que nelle existe hoje pelo nosso Pensar.

Creou tambem o que ainda não existe hoje pelo nosso Pensar. Tudo isso são outros tantos mundos que Deus creou.

Um dos mundos que Deus creou, o mais perfeito, foi o Homem. Os mundos, que o Homem tem creado dentro do Mundo, já tinham sido creados por Deus. Faltava só o Homem Pensá-LOS. . .

*E Deus creou Tudo, para que Tudo só fosse Vertigem até ELLE.*

. . . Redemption,  
Force pure de l' Au-delà,  
Vertige sublime d' Abstraction.  
(Hénoch — Le Dernier Testament)

β

Quando Deus creou o Homem, creou tudo o que era preciso ao Homem para tornar-a-sêr o Deus-Origem-Um.

Creou dois caminhos para se chegar até ELLE:

O do Bem  
O do Mal

O primeiro, de mais tranquillidade, mais difficil e mais curto.

O segundo, menos tranquillo, mais facil e mais longo.

Esses dois caminhos foram creados para o Homem perceber a Vida.

O Homem foi-se esquecendo de tudo, começando por si proprio.

*Christus* veio á Terra pela Vontade de Deus, para lembrar ao Homem que NUNCA E' TARDE, e que o seu dever é divinizar-se.

7

Regarde l'Amour avec les yeux de  
l'Esprit! — car jamais aucun mortel ne  
l'a contemplé dans le vaste cercle des  
choses.

(Empédocle)

Deus creou, com o Homem, a maior intelligencia para lutar com a Carne do Homem, e para assim perceber a Vida. Deus creou a lucta entre ellas: a essa lucta chama-se Vida. A Vida *deve ser* o Esforço-Vertigem até Deus-em-Si, Deus-em-Tudo.

O sêr vivo que mais isto esqueceu foi o Homem.

Deixou-se esquecer de si-proprio, e assim esqueceu Deus-em-Si.

Deixou-se esquecer por lhe parecer mais cómodo, e a Carne triumphou.

*Elle mais tarde verá terrificamente o que perdeu,*

8

Dominant l'Harmonie du monde,  
il est devenu son esclave.

(Hermès Trismégiste)

Deus creou tudo em Harmonia.

A Harmonia é uma força. O Homem não deve lutar contra ella, mas sim lutar contra si-proprio, para ella.

Para lutar contra ella era preciso que o Homem não fosse Homem.

*Deus nunca perdôa aos que luctam contra a Harmonia das Coisas, e que não são só Vertigem até ELLE.*

A Vertigem pode ser consciante ou inconsciante.

O Homem rude do campo, que vive em força-de-Harmonia com a Natureza, é Vertigem... como as Arvores...

## HOMEM!

Para que creaste tanta coisa que te afasta de ti-proprio, se Deus já tinha creado em-ti, tudo o que te era preciso?

Para que abusas do direito da intelligencia, creando tanta coisa que só te dispersa?

A intelligencia mal dirigida deixa de ser intelligencia com I grande. *Ella ordena-te a experiencia. Abandonas a intuição, essa vox Dei, e a experiencia, sem ser fortemente allíada á intuição, mata-te, estropia-te mesmo sem tu queres.*

A Ti e aos teus irmãos Homens que creram em Ti e na tua palavra vazia-de-Deus.

Pensar é crear. E' crear o que já está creado.

Cada pensamento é um novo phantasma que te acompanhará sempre, vertigicamente, com as suas garras fincadas no teu cerebro, para o destruir, ou puxando-o para a Vida-Materia ou para a Morte-Libertação!



Não abuses do direito de crear. Cria-TE primeiro forte para abraçares a tua Obra.

Creaste toda a hyper-civilização, como coisa exterior-a-Ti, como não fazendo parte d'ella, e quando contemplos a tua Obra, estremeces, e sentes te sem forças para a abraçar!

A's vezes até foges d'ella para perto da arvore e do campo, e quando chegas diante d'um Homem rude e acephalo (como a Arvore) que SO' creou Homens, sentes-te mesquinho e fraco, mesmo se momentos antes acabaste de inventar um novo typo de aeroplano. Um pedaço de vidro ao Sol chega a parecer um brilhante que não é...

Creaste, pois, com a intelligencia-pensamento, coisas que te não eram ainda precisas, se te-soubesses bem. Não te chegavas a tí-proprio? Procura-te bem. Dá muitas voltas dentro de tí-proprio, e encontrarás lá tudo e encontrarás lá Deus.

*O que tu creaste a mais do que devias ter creado, um dia o sentirás terrificamente a puxar-te para a Terra para te esmagar. E és tu que te esmagas de encontro ao que creaste.*

### TU SO' ÉS O CULPADO!

Não culpes ninguém de não teres sabido ser harmonico com a Natureza, de não teres sabido ser *natural* e saber esperar como as Arvores...

Deus creou-te cinco sentidos para perceberes a Vida, e a Vida para Te perceberes para perceberes Deus-em-Ti. Aguça pois os teus sentidos e descobrir-te-has entre a multidão.

A's vezes julgas te alguem que está na multidão, e que ainda não és tu, e ficas todo vaidoso.

E essa propria vaidade é que mostra que ainda não és tu, e faz rir as boccas.

Quando te descobrires verdadeiramente é quando tu não fores vaidoso de julgar que te descobriste. Se te não chegar esta vida para te encontrares, fica para outra vez, e fica para outra vez tantas vezes até enfim te encontrares, pois a Bondade de Deus é Infinita. A Bondade nem mesmo pode ser concebida fora da idea de Divindade.

Tens a Vida toda para lutar. Sê forte para essa lucta. Se te falta alguma coisa para ser forte, essa coisa procura-a em-Ti, e lá a encontrarás. Se a não encontrares é porque não soubeste procurar, e portanto não culpes mais ninguém.

Custa te a lutar emquanto tens forças para vencer? Olha que a lucta virá implacavel e já então não terás força nenhuma, e fica para outra vez. A força que tu perdeste tẽl-a-hão ganho os que com ella te vencerão.

O Iniciado disse-te: Levanta te e caminha.

Já te esqueceste? O caminho é Deus. Julgas que és alguma coisa não caminhando?

Não percas muito tempo a olhar para traz.

Não percas muito tempo a olhar o caminho já andado.

Se vaes a andar e a olhar para traz, cahes com toda a certeza por não veres o caminho.

Todos os seres que desprezares ao longo do caminho serão forças para te vencer. Podiam ser todas tuas.

Faltava só o teu *querer* para serem todas tuas, e tu desprezaste-as, desprezando-TE.

Não desprezes, ama.

Não desprezes o Instincto. Trál-o sempre contigo como trazes os buracos dos olhos a fingir olhos.

*Nunca deixes o Instincto só.*

Para que te servem os olhos da cara, e os olhos da intelligencia por detrás dos olhos da cara?

Os olhos da cara dizes tu que te servem para vêr, mas tu dizes que não te sentes feliz, e quem vê é feliz.

Convence-te que ainda não viste nada.

*E' tão bom Vêr!*

E' tão bom têr duvida sobre o que se vê. A duvida mesmo é que faz vêr.

E' tão bom dar cores a todas as coisas, e nome a todas as coisas para que as possamos distinguir umas das outras!

Sê só as coisas que são felizes para Ti.

Cada vez descobrirás mais coisas felizes para Ti. Essas coisas felizes para ti são a Tua existencia feliz. No fim acabarás por descobrir o *logar* que cada coisa occupa na tua existencia, porque a existencia de todas as coisas és Tu-em-Deus, Deus-em-Ti.

Lucta pois contigo próprio para te approximares de ti-próprio e assim te approximaras de Deus.

A melhor Obra de Deus foi o Homem. Amando a melhor Obra de Deus amarás Deus.

A Humanidade é toda Deus. E' Deus pensado por cada um de nós. A Humanidade és tu tambem.

Tu pensaste a tua Humanidade como Deus te creou a Ti.

Se queres portanto melhorar a Humanidade, começa por te melhorares a ti-próprio e essa será a tua acção mais efficaz para melhorar a Humanidade que creaste, a tua maior Obra...

E assim E', pela vontade de Deus nos Homens.

Laus Deo

AVISO — Se a Vossa intuição e «experiencia da vida», não confirmam em-Vós o que eu digo, não me acrediteis, e procurae em que acreditar, como eu procurei e procuro até ao Fim.

ALBERTO DE HUTRA

# ESCOLHA DE POEMAS DE ALBERTO CAEIRO

(1889-1915)

---

## DOS «POEMAS INCONJUNCTOS»

(1913-1915)

Não basta abrir a janella  
Para ver os campos e o rio.  
Não é bastante não ser cego  
Para ver as arvores e as flores.  
É preciso também não ter philosophia nenhuma.  
Com philosophia não ha arvores : ha idéas apenas.  
Ha só cada um de nós, como uma cave.  
Ha só uma janella fechada, e todo o mundo lá fóra ;  
E um sonho do que se poderia ver se a janella se abrisse,  
Que nunca é o que se vê quando se abre a janella.

\*

Fallas de civilização, e de não dever ser,  
Ou de não dever ser assim.  
Dizes que todos soffrem, ou a maioria de todos,  
Com as cousas humanas postas d'esta maneira.  
Dizes que se fossem differentes, soffreriam menos.  
Dizes que se fossem como tu queres, seria melhor.  
Escuto sem te ouvir.  
Para que te quereria eu ouvir ?  
Ouvindo-te nada ficaria sabendo. *Que tens em um o que tens em outro?*  
Se as cousas fossem differentes, seriam differentes : eis tudo.  
Se as cousas fossem como tu queres, seriam só como tu queres. *Se o que ali é*  
Ai de ti e de todos que levam a vida  
A querer inventar a machina de fazer felicidade !

\*

Entre o que vejo de um campo e o que vejo de outro campo  
Passa um momento uma figura de homem.  
Os seus passos vão com «elle» na mesma realidade,  
Mas eu reparo para elle e para elles, e são duas cousas :  
O «homem» vae andando com as suas idéas, falso é estrangeiro,

E os passos vão com o systema antigo que faz pernas andar.  
Olho-o de longe sem opinião nenhuma.  
Que perfeito que é nelle o que elle é — o seu corpo,  
A sua verdadeira realidade que não tem desejos nem esperanças,  
Mas musculos e a maneira certa e impessoal de os usar.

★

Creança desconhecida e suja brincando á minha porta,  
Não te pergunto se me trazes um recado dos symbolos.  
Acho-te graça por nunca te ter visto antes,  
E naturalmente se podesses estar limpa eras outra creança,  
Nem aqui vinhas.  
Brinca na poeira, brinca!  
Apprecio a tua presença só com os olhos.  
Vale mais a pena ver uma cousa sempre pela primeira vez que conhecê-la,  
Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez,  
E nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar.

O modo como esta creança está suja é diferente do modo como as outras estão sujas.  
Brinca! Pegando numa pedra que te cabe na mão,  
Sabes que te cabe na mão.  
Qual é a philosophia que chega a uma certeza maior?  
Nenhuma, e nenhuma pode vir brincar nunca á minha porta.

★

Verdade, mentira, certeza, incerteza...  
Aquelle cego alli na estrada tambem conhece estas palavras.  
Estou sentado num degrau alto e tenho as mãos apertadas  
Sobre o mais alto dos joelhos cruzados.  
Bem: verdade, mentira, certeza, incerteza o que são?  
O cego pára na estrada,  
Desliguei as mãos de cima do joelho.  
Verdade, mentira, certeza, incerteza são as mesmas?  
Qualquer cousa mudou numa parte da realidade — os meus joelhos e as minhas mãos.  
Qual é a sciencia que tem conhecimento para isto?  
O cego continúa o seu caminho e eu não faço mais gestos.  
Já não é a mesma hora, nem a mesma gente, nem nada igual.  
Ser real é isto.

★

Uma gargalhada de rapariga soa do ar da estrada.  
Riu do que disse quem não vejo.

Lembro-me já que ouvi.  
 Mas se me fallarem agora de uma gargalhada de rapariga da estrada,  
 Direi: não, os montes, as terras ao sol, o sol, a casa aqui,  
 E eu que só oiço o ruído calado do sangue que ha na minha vida dos dois lados da cabeça.

★

Noite de S. João para além do muro do meu quintal.  
 Do lado de cá, eu sem noite de S. João.  
 Porque ha S. João onde o festejam.  
 Para mim ha uma sombra de luz de fogueiras na noite,  
 Um ruído de gargalhadas, os baques dos saltos.  
 E um grito casual de quem não sabe que eu existo.

★

Hontem o pregador de verdades d'elle  
 Fallou outra vez commigo.  
 Fallou do soffrimento das classes que trabalham  
 (Não do das pessoas que soffrem, que é afinal quem soffre).  
 Fallou da injustiça de uns terem dinheiro,  
 E de outros terem fome, que não sei se é fome de comer,  
 Ou se é só fome da sobremesa alheia. *de que os outros comem.*  
 Fallou de tudo quanto pudesse fazel-o zangar-se.

Que feliz deve ser quem pode pensar na infelicidade dos outros!  
 Que estúpido se não sabe que a infelicidade dos outros é d'elles,  
 E não se cura de fóra,  
 Porque soffrer não é ter falta de tinta  
 Ou o caixote não ter aros de ferro!

Haver injustiça é como haver morte.  
 Eu nunca daria um passo para alterar  
 Aquillo a que chamam a injustiça do mundo.  
 Mil passos que desse para isso  
 Eram só mil passos.  
 Aceito a injustiça como aceito uma pedra não ser redonda,  
 E um sobreiro não ter nascido pinheiro ou carvalho. *arrebato*

Cortei a laranja em duas, e as duas partes não podiam ficar eguaes  
 Para qual fui injusto — eu, que as vou comer a ambas?

★

Tu, mystico, vês uma significação em todas as cousas.

Para ti tudo tem um sentido velado.  
 Ha uma cousa occulta em cada cousa que vês.  
 O que vês, vel-o sempre para veres outra cousa.

Para mim, graças a ter olhos só para ver,  
 Eu vejo ausencia de significação em todas as cousas ;  
 Vejo-o e amo-me, porque ser uma cousa é não significar nada.  
 Ser uma cousa é não ser susceptível de interpretação.

★

Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas —  
 Que felicidade é essa que pareces ter — a tua ou a minha?  
 A paz que sinto quando te vejo, pertence-me, ou pertence-te?  
 Não, nem a ti nem a mim, pastor.  
 Pertence só á felicidade e á paz.  
 Nem tu a tens, porque não sabes que a tens.  
 Nem eu a tenho, porque sei que a tenho.  
 Ella é ella só, e cahe sobre nós como o sol,  
 Que te bate nas costas e te aquece, e tu pensas noutra cousa indifferentemente,  
 E me bate na cara e me offusca, e eu só penso no sol.

★

Dizes-me: tu és mais alguma cousa  
 Que uma pedra ou uma planta.  
 Dizes-me: sentes; pensas e sabes  
 Que pensas e sentes.  
 Então as pedras escrevem versos?  
 Então as plantas teem idéas sobre o mundo?

Sim: ha differença.  
 Mas não é a differença que encontras ;  
 Porque o ter consciencia não me obriga a ter theorias sobre as cousas :  
 Só me obriga a ser consciente.

Se sou mais que uma pedra ou uma planta? Não sei.  
 Sou diferente. Não sei o que é mais ou menos.

Ter consciencia é mais que ter côr?  
 Pode ser e pode não ser.  
 Sei que é diferente apenas.  
 Ninguem pode provar que é mais que só diferente.

Sei que a pedra é a real, é que a planta existe.

Sei isto porque ellas existem.  
Sei isto porque os meus sentidos m'o mostram.  
Sei que sou real tambem.  
Sei isto porque os meus sentidos m'o mostram,  
Embora com menos clareza que me mostram a pedra e a planta.  
Não sei mais nada.

Sim, escrevo versos, e a pedra não escreve versos.  
Sim, faço idéas sobre o mundo, e a planta nenhuma.  
Mas é que as pedras não são poetas, são pedras ;  
E as plantas são plantas só, e não pensadores.  
Tanto posso dizer que sou superior a ellas por isto,  
Como que sou inferior.  
Mas não digo isso : digo da pedra, «é uma pedra»,  
Digo da planta, «é uma planta»,  
Digo de mim, «sou eu».  
E não digo mais nada. Que mais ha a dizer ?

★

A espantosa realidade das coisas  
É a minha descoberta de todos os dias.  
Cada coisa é o que é,  
E é difficil explicar a alguém quanto isso me alegra,  
E quanto isso me basta.

Basta existir para se ser completo.

Tenho escripto bastantes poemas.  
Hei de escrever muitos mais, naturalmente.  
Cada poema meu diz isto,  
E todos os meus poemas são differentes,  
Porque cada coisa que ha é uma maneira de dizer isto.

A's vezes ponho-me a olhar para uma pedra.  
Não me ponho a pensar se ella sente.  
Não me perco a chamar-lhe minha irmã.  
Mas gosto d'ella por ella ser uma pedra,  
Gosto d'ella porque ella não sente nada,  
Gosto d'ella porque ella não tem parentesco nenhum commigo.

Outras vezes oiço passar o vento,  
E acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido.

Eu não sei o que é que os outros pensarão lendo isto ;  
Mas acho que isto deve estar bem porque o penso sem esforço,

Nem ideia de outras pessoas a ouvir-me pensar ;  
 Porque o penso sem pensamentos,  
 Porque o digo como as minhas palavras o dizem.

Uma vez chamaram-me poeta materialista,  
 E eu admirei-me, porque não julgava  
 Que se me pudesse chamar qualquer coisa.  
 Eu nem sequer sou poeta : vejo.  
 Se o que escrevo tem valor, não sou eu que o tenho :  
 O valor está alli, nos seus versos.  
 Tudo isso é absolutamente independente da minha vontade.

★

Quando tornar a vir a primavera  
 Talvez já não me encontre no mundo.  
 Gostava agora de poder julgar que a primavera é gente  
 Para poder suppor que ella choraria,  
 Vendo que perdera o seu unico amigo.  
 Mas a primavera nem sequer é uma coisa :  
 É uma maneira de dizer.  
 Nem mesmo as flores tornam, ou as folhas verdes.  
 Ha novas flores, novas folhas verdes.  
 Ha outros dias suaves.  
 Nada torna, nada se repete, porque tudo é real.

★

Se eu morrer novo,  
 Sem poder publicar livro nenhum,  
 Sem ver a cara que teem os meus versos em lettra impressa,  
 Peço que, se se quizerem ralar por minha causa,  
 Que não se ralem.  
 Se assim aconteceu, assim está certo.

Mesmo que os meus versos nunca sejam impressos,  
 Elles lá terão a sua belleza, se forem bellos.  
 Mas elles não podem ser bellos e ficar por imprimir,  
 Porque as raizes podem estar debaixo da terra  
 Mas as flores florescem ao ar livre e á vista.  
 Tem que ser assim por força. Nada o pode inpedir.

Se eu morrer muito novo, oiçam isto :  
 Nunca fui senão uma creança que brincava.  
 Fui gentio como o sol e a agua,



De uma religião universal que só os homens não teem.  
 Fui feliz porque não pedi coisa nenhuma,  
 Nem procurei achar nada,  
 Nem achei que houvesse mais explicação  
 Que a palavra explicação não ter sentido nenhum.

Não desejei senão estar ao sol ou á chuva —  
 Ao sol quando havia sol  
 E á chuva quando estava chovendo  
 (E nunca a outra coisa),  
 Sentir calor e frio e vento,  
 E não ir mais longe.

Uma vez amei, julguei que me amariam,  
 Mas não fui amado.  
 Não fui amado pela unica grande razão —  
 Porque não tinha que ser.

Consolei-me voltando ao sol e á chuva,  
 E sentando-me outra vez á porta de casa.  
 Os campos, afinal, não são tam verdes para que os que são amados  
 Como para os que o não são.  
 Sentir é estar distraído.

\*

Quando vier a primavera,  
 Se eu já estiver morto.  
 As flores florirão da mesma maneira  
 E as arvores não serão menos verdes que na primavera passada.  
 A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme  
 Ao pensar que a minha morte não tem importancia nenhuma.

Se soubesse que amanhã morria  
 E a primavera era depois de manhã,  
 Morreria contente, porque ella era depois de manhã.  
 Se esse é o seu tempo, quando havia ella de vir senão no seu tempo?  
 Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo ;  
 E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.  
 Porisso, se morrer agora, morro contente,  
 Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quizerem.



# A T H E N A



Se quizerem, podem dançar e cantar á roda d'elle.  
Não tenho preferencias para quando já não puder ter preferencias.  
O que fôr, quando fôr, é que será o que é.

\*

Se, depois de eu morrer, quizerem escrever a minha biographia,  
Não ha nada mais simples.  
Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.  
Entre uma e outra cousa todos os dias são meus.

Sou facil de definir.

Vi como um damnado.

Amei as coisas sem sentimentalidade nenhuma.

Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque nunca ceguei.

Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um acompanhamento de ver.

Compreendi que as coisas são reaes e todas differentes umas das outras ;

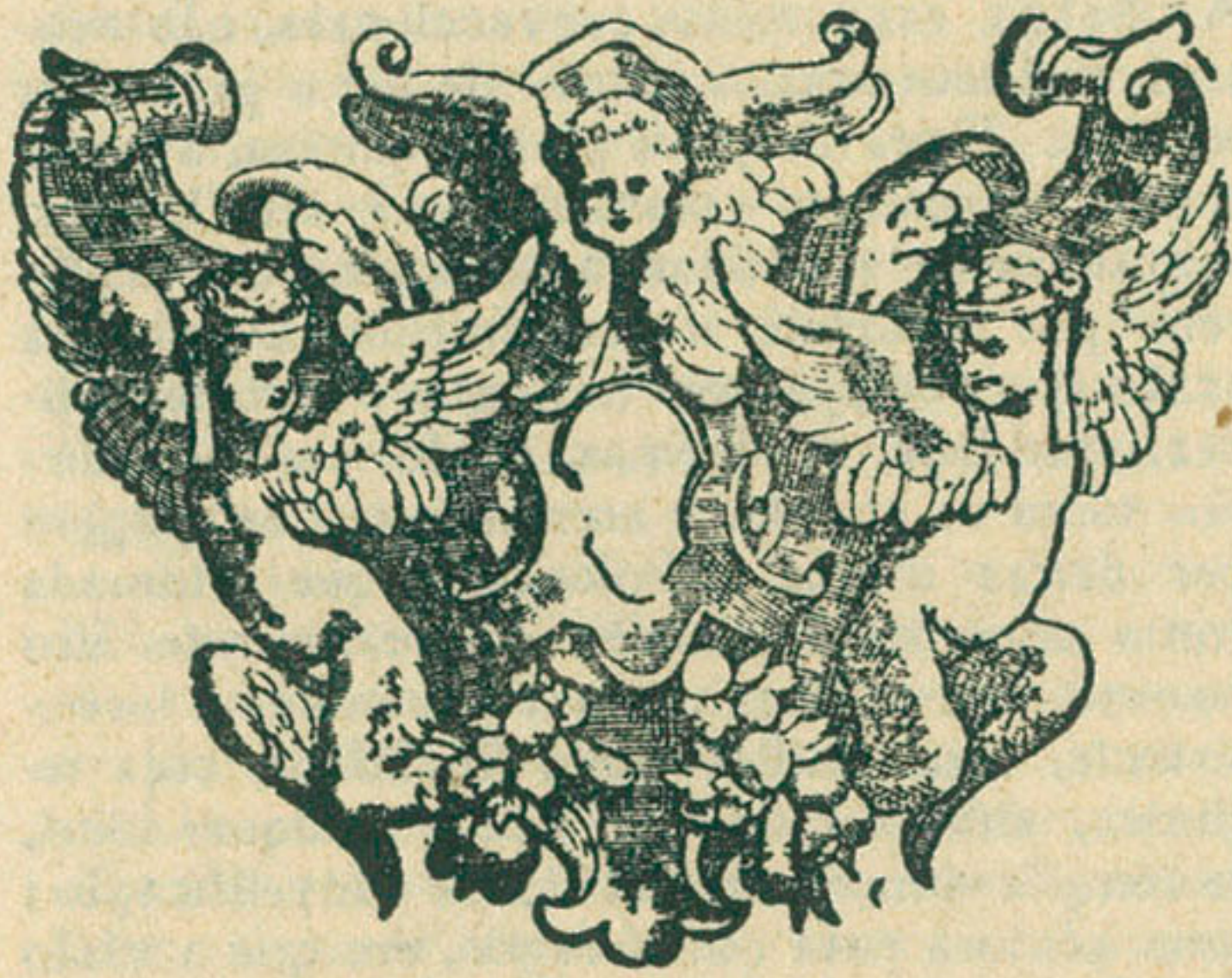
Compreendi isto com os olhos, nunca com o pensamento.

Compreender isto com o pensamento seria achal-as todas eguaes.

Um dia deu-me o somno como a qualquer creança.

Fechei os olhos e dormi.

Além d'isso, fui o unico poeta da Natureza.



## GRAVURAS DE FRANCISCO BARTOLOZZI. (1728-1813).

Para os nossos colleccionadores de arte, Bartolozzi é hoje quasi um nome portuguez. Por certo, raros de entre elles se lembrarão que o celebre gravador, discípulo do veneziano Wagner, nasceu em Florença, em pleno seculo XVIII, e que a sua obra, antes de vir para Portugal, era já consagrada não só na Italia, como em Inglaterra. Comtudo, particularmente neste último paiz, onde, perto de Londres, um tempo se fixou, o seu engenho conseguiu impor-se num numero consideravel de *aguas-fortes* e gravuras de madeira, que ainda hoje allí são bastante procuradas.

Devemos, porem, convir que effectivamente a mais extraordinária phase da carreira artistica de Francisco Bartolozzi é constituída pelos seus sete annos de Portugal, que deveriam ser os derradeiros da vida do artista, pois que em Lisboa se finou no dia 1 de Abril de 1813. A sua producção nesse curto periodo, esmaltada de bellísimos *trechos*, nos quaes a pureza do desenho e a segurança de execução attingem, por vezes, alta classe, é tanto mais surpreendente,

quanto se considera que ao acceder ao convite de D. João VI para aquí se estabelecer, contava o artista setenta e seis annos de idade.

As suas gravuras de madeira e a agua-forte, interpretando as obras dos grandes mestres italianos e inglezes, estão, ao que parece, gosando entre nós uma grande vóga. Essas *paysagens*, a um tempo, graves e paradisiacas, illuminadas de suavidade, e onde as *massas* de arvoredos, os velhos castellos e aldeias, as proprias figuras, ligeiras e graciosas, como que nos fazem sonhar outras edades, estão sendo avidamente desejadas na decoraçáo dos *interiores* portuguezes, especialmente em Lisboa. Porisso a gravura que ATHENA hoje reproduz, quasi desconhecida, e da melhor *maneira* do artista, porá certamente nestas paginas uma nota vibrante de actualidade.

## A PINTURA REALISTA E O "VIRTUOSISMO". (A PROPOSITO DE ALGUNS QUADROS DE MAMIA ROQUE GAMEIRO.) POR M. V.

Um *paysagista* norte-americano do seculo passado, Homer Martin, dizia um dia deante d'um quadro do seu tempo: «eis um bello exemplo de subordinaçáo das coisas ficticias ás coisas reaes.» Dizendo isto, inconscientemente apontava elle a qualidade distinctiva de toda a *escola*, ou, antes, de toda a epoca de arte que era a sua.

Com effeito, tanto quanto é licito fazê-lo concisamente, a pintura (a de *paysagem* como a de *genero*), nas ultimas decadas do seculo XIX, póde definir-se por esta palavra: *eliminação*. A destrinça entre o *assumpto* principal do quadro e a parte accessoria, era tão cuidadosamente realizada e assumia quasi tanta importancia como a propria gradaçáo dos planos perspecticos ou de *claro-escuro*, que então constituía, não ha negál-o, a mais absorvente preoccupaçáo do pintor. A expressáo pictorica tendia sempre a um fim unico, quer dizer, procurando expressar-se deter-

minado *trecho*, *scena*, ou *motivo* anedoctico, previamente escolhido, ao mesmo tempo, e como consequencia, abandonava-se, quando se não supprímia, tudo que directamente o não subsidiasse.

Ao contrario do que tantas vezes tem sido dito, o chamado *realismo*, ou, pelo menos, os mais representativos dos pintores *realistas*, não comprehendem nem admittem a minucia. Dispondo-se a interpretar um *trecho* da natureza, o primeiro cuidado do pintor é *eliminar* do campo da sua visao aquillo que arbitrariamente elle considera detalhe inutil e prejudicial, *coisa ficticia*. Assim, não era raro, ainda ha poucos annos, ouvir um pintor lamentar-se de *ver de mais*, isto é, de lhe ser custoso esse trabalho de *eliminação*, que bem poderia classificar-se de *contra-natura*, porquanto importava mutilar o proprio poder de visionabilidade, sentido fundamental do pintor.

Entretanto, se o chamado *realismo* em pintura, não admittê a minucia, isso o não impede de severamente condemnar as tendencias *syntheticas* que começam agora a fixar-se e a tomar corpo na pintura moderna ou *modernista*, como é de uso chamar-se-lhe aqui.

Que se eliminem detalhes e se abandonem pormenores, afim de valorisar o *motivo* central do quadro — entende-se. Que (para empregar o termo caro aos adeptos da doutrina) se pinte com *largueza*, é excellente. Mas que, com intuitos *syntheticos*, a pintura enverede pelo caminho da deformação, despresando a visao normal, quer dizer, *commum* — eis o que o verdadeiro *realista* considera uma falta de fidelidade á natureza, inspiração e modelo de toda a arte.

A pintura poderá ser mais ou menos *summaria*; convem mesmo que o seja. Porem *synthetica*, não; porque, nesse caso, deixaria de ser *realista*.

Esta é, julgo que concreta e desapaixonadamente exposta, a doutrina *esthetica* do *realismo* em pintura.

Vejamos, porém, os fructos d'esta doutrina, isto é, as consequencias immediatas da sua realização plastica.

Eliminados, até certo ponto, o detalhe e o pormenor; abolida a minucia, que foi sempre, na pintura de todos os tempos, uma clara manifestação de sinceridade — a *copia* conscienciosa e imparcial da natureza insensivelmente cede o lugar a uma *especie* de jogo simultaneo de realces e suppressões, a uma *procura* exclusiva de effeitos, da qual o rigor, a solidez do desenho só poderá sahir sacrificada. A pureza dos contornos é grosseira e propositalmente esquecida.

As linhas, essas coisas convencionaes, não existem. Existem apenas planos de luz e planos de sombra. Esses proprios planos, porém, a breve trecho, tornam-se esfumados nos seus limites, infinitamente esbatidos, amollecidos, até perderem por completo o seu desenho. Da pintura acaba por desaparecer tudo que é recorte, nitidez, claridade. As formas, puidos e *almofadados* todos os angulos e arestas, quasi se apagam por detraz d'uma nebulosidade que é tomada como suprema harmonia e suprema arte. Em resumo, cria-se uma pintura esporadica e inconsistente, sem tradição nem finalidade, cuja technica, substituindo-se a todo e qualquer ideal, se compõe sómente de habilidade e mystificação; uma pintura para *quasi cegos*, em que a visao do observador é violentada pelo artista, obscurificada, reduzida ao mínimo, e onde apenas se adivinha, como que por entre sonhos, atravez de farrapos de nuvens, farrapos de coisas e de seres.

Ora d'isto, que não é já *realismo*, mas que, sem duvida, representa o *virtuosismo* pictural dos fins do seculo XIX — ainda se encontram vestigios em Portugal. Ainda hoje subsiste aqui, arreigado, o gosto facilmente vulgar d'essa pintura *somnambula*, d'essa *arte-mysterio*, verdadeiro *pesadello*, do qual só agora, começamos, lentamente, a despertar.

A voga entusiastica que ha pouco achavam entre nós, certos *retratos* a carvão, d'um *maneirismo* fluído, quasi gazoso, em que as *physionomias* nos surgem como aparições, a um tempo, moles e pesadas, semelhando combinações pueris de rolos de fumo, alternadamente negros e cinzentos — constitue prova definitiva da *degenerescencia* da visao e do gosto.

Mas esta forma especial do *virtuosismo*, jubilosamente acolhida pelo publico, não se conteve adentro da pintura; e, assim, em dado momento, imitando o aspec o nebuloso e espectral de taes *carbões*, surde dos *ateliers* dos *photographos* uma especie nova de *photographia*, em que tudo, por igual, é vago e impreciso. De facto, a semelhança é flagrante. Nada mais preciso com esses desenhos esfumados, do que um *cliché* *photographico*, cuja imagem não tenha sido devidamente focada pela objectiva. E a essa *photographia*, desprovida da sua condição primaria de nitidez, e, portanto, tecnicamente errada, passou a chamar-se *artistica*, como se a arte que possa porventura existir numa *photographia*, não consistisse unicamente *em ella ser bem feita*!

Entretanto, a anomalia não se observa apenas no desenho. Alliada ao culto da *meia-tinta* e da *meia-sombra*, professa o pintor *virtuose* a idolatria dos tons neutros. As chamadas cores primarias não cabem nesta pintura, senão

como elementos de composição. E mesmo á nota clara de coloração, prefere-se, em geral, um colorido grave, triste e sujo. Com a sua technica complicadíssima, somente visando effeitos ephemeros e superficiaes, o *virtuosismo* levou ao infinito, na mistura rebuscada das tintas, a alchimia da paleta. E se com as suas *sombras* supprimiu a luz, do mesmo passo, com as suas *nuances*, apagou a côr.

E' evidente que uma pintura assim concebida e realisada se colloca, por si só, á margem da arte de todos os tempos. Na verdade, o pintor *virtuoso* só sente e admira a sua propria pintura. Em face d'um quadro d'outro tempo, seja um *primitivo*, um Tiziano, ou um Veroneze, seja um Rubens ou um Grecco— tudo nelle o choca e afflige. Ao nobre desenho vincado das faces, como ao detalhe laborioso dos paineis quatrocentistas, chamará, arripiado, minucias e durezas: a *allégresse* de colorido do flamengo ou dos italianos fál-o ha recuar, temeroso e pudibundo, como frente a uma festa orgiaca e peccaminosa; quanto ao recorte tragico e anguloso da arte d'um Grecco, aos seus *verdes* violentos e admiraveis, serão por elle desde logo fulminados, como *cruezas* de paleta.

Numa palavra, deante da arte do passado, exactamente como deante dos quadros modernos, o *virtuoso* está condemnado a não perceber nada.

E, emquanto isto, a propria natureza só a defrontará com a mão cuidadosamente posta em pála sobre os olhos, ou com elles semi-cerrados, afim de não ser offuscado e, sobretudo, para não ver de mais.

E' curioso constatar que foi este mesmo medo do deslumbramento, este horror ao recorte e á côr, que em França impulsionou a campanha *anti-impressionista*.

Era tambem em *cruezas* e *durezas*, era em *escandalo* e *orgia* que em Paris se fallava, ahí por alturas de 1860, após o apparecimento das telas claras de Manet e de Degas. E quando o chefe dos *impressionistas* confessava que o que de pintura sabia, o aprendera em Velasquez e Franz Hals, chamavam-lhe *doído* e não o comprehendiam. Com effeito, para tanto seria preciso não só conhecer e admirar Velasquez e Franz Hals, como, ainda, comprehender a propria pintura. Seria preciso *sentir* que a arte não é o *mysterio*, mas, pelo contrario, a *revelação*; e que o que vagamente e por instincto se apercebe olhando a natureza, deve a pintura realisá-lo emocionalmente, com uma clareza perfeita de visão e uma intensidade absoluta de discernimento.

Mas para que hei de insistir? Não quero

enunciar principios nem estabelecer doutrina. O meu papel, que é, ao mesmo tempo, o meu prazer, reduz-se a analysar a realisação e os resultados de doutrina e principios estheticos estabelecidos por outros que não eu. E particularmente neste caso, apenas me propuz demonstrar que o chamado *virtuosismo*, provindo embora da escola *realista*, e baseando-se aparentemente na mesma doutrina, não é mais, afinal, do que a sua cabal e inteira negação; ponto este, no qual ainda se prolonga a analogia com o episodio paradoxal do velho academicismo francez combater convictamente o movimento de regresso ás verdadeiras tradições da pintura, que foi, em última analyse, o que representou o *impressionismo* de Manet e seus camaradas.

Entretanto, em Portugal, essa pintura de artificio, sem significação nem consistencia, absorveu por completo, a attenção e o applauso d'um publico ignaro que, não frequentando museus, não escutando conferencias, e em absoluto privado de revistas e livros de arte, facilmente se deixa perverter na visão, no gosto e no verdadeiro sentido da pintura.

Deve porém reconhecer-se que essa ignorancia não é apanagio exclusivo do publico. Nos proprios pintores *virtuosos* igualmente ella se observa. Como já atraz fiz notar, quem professa ou admira essa arte falsa, implicitamente se incapacita de *sentir* mais nenhuma outra. Com effeito, é proverbial nessa classe de pintores, a indifferença por tudo que diz respeito á pintura europeia, antiga e moderna. A um d'elles lembro-me eu de ter ouvido dizer, ha uma boa dezena de annos, no regresso de uma larga viagem pelos grandes centros artisticos da Europa, que *lá fóra se não pintava melhor que em Portugal, mas antes pelo contrario*. E' evidente que dizendo isto, elle se referia apenas a *uma pintura*, a unica que lhe era *sympathica*.

O mais curioso porem, é que esse espirito de restricção que o *virtuosismo* soube transmittir a um publico miseravel de ideias e de sensações, é com severidade applicado até aos proprios artistas da epoca *realista*, que possuindo temperamento e individualidade artistica propria, não se entregam ás habilidades manipuladas segundo o *receituário commum*.

E' este, entre entre outros, o caso de Roque Gameiro, ha muito classificado, desdenhosamente, de pintor *minucioso*.

Todavia, se alguma vez com propriedade se pôde applicar em arte a designação de *realista*, é por certo á obra do mestre que, tendo sido, por um lado, o activo impulsionador da arte da aguarella em Portugal, por outro lado, no campo da illustração do livro, pelo estudo erudito da in-

dumentaria e do cenário histórico, vem realizando, com rigor e com consciência, uma tarefa única de anotação artística.

Adentro dos severos e, sem dúvida, discutíveis princípios da interpretação *realista*, e áparte o que de evocador, por vezes, se observa nessa obra, Roque Gameiro conserva-se, como raros, fiel ás suas tendências artísticas e á sua visão, quer dizer, fiel a si proprio, pintor sincero e honesto, a quem os *trucs e ficelles* repugnam como indignidades e inferioridades, que, de facto, são.

Mas é exactamente em virtude d'essa arte sincera e proba que na sua officina largamente arejada e iluminada se tem formado artistas independentes que do mestre herdaram, em vez d'um estreito, limitado formulario tecnico, os fundamentos d'um desenho solido e significativo.

De entre os seus discipulos, sua filha Mamia Roque Gameiro, representa, sem duvida, um exemplo bem typico de independencia e pessoalismo. Sem ao de leve roçar pela extravagancia, a sua pintura (para que negal-o?) liberta-se por completo das peias *realistas*, que atraz tentei definir. Não é decerto uma pintura *larga*, que subordina os detalhes ao *motivo* central, esta arte delicada que, pelo contrario, se compraz no encantamento do pormenor, como se vê, por exemplo, no seu quadro *O chale*, em que indubitavelmente ainda o menos tratado é a figura.

Esse estudo attento e apaixonado dos accesorios, não visa porem, effeitos faceis, nem se desvia para o *brincado* local e pueril do pincel, antes se traduz por uma applicação sincera e absorvente, por uma preferéncia bem sentida de interpretação, que sem cus'o se nos torna communicativa.

A graça ingenua com que nos é *descripto*, naquelle quadro, o tapete suspenso da parede e o velho canapé *imperio*, empresta a esta pequena tela um cunho de sinceridade inesquecivel.

Como estamos longe, aqui, dos effeitos grosseiros e *feéricos* do *virtuosismo* tecnico!

Se, porém, a pintura de Mamia Roque Gameiro faz vibrar, na côr elemental e como que simplificada, uma nota de claridade inconfundivelmente moderna — seus desenhos revelam-nos, por sua vez, um traço, ao mesmo tempo, delicado e vigoroso.

Não ha nelles fragilidade nem inconsisténcia. O lapis recorta, contorna com finura, demorando-se aqui e além a cuidar; ora passando, ligeiro, de leve; ora vincando com intenção; e, entretanto, o volume é respeitado na sua integridade, e a forma salva-se, liberta de *esfumados* amolledores e de *sombras* inopportunas.

Em summa, de Mamia Roque Gameiro, pintora de vinte annos, com verdade se pôde dizer que *desenha*, no sentido mais antigo e mais moderno d'esta palavra: *desenho*.





*Leve tradito al Pescator da vita*

ATHENA — Gravura

por BARTOLOZZI







ATHENA — *Porcelanas*

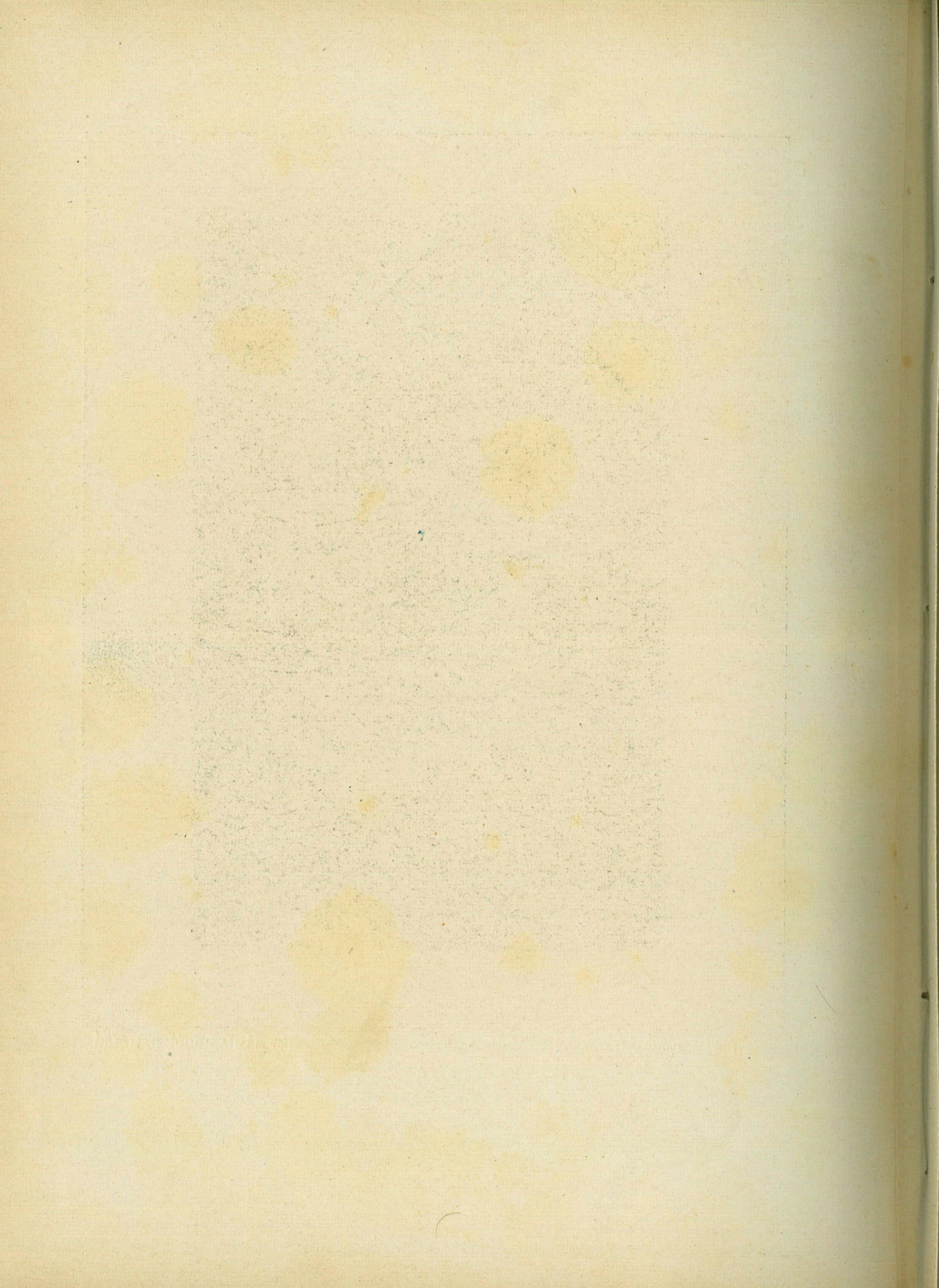
por MÂMIA ROQUE GAMEIRO





ATHENA — *Porcelanas*

por MÁMIA ROQUE GAMEIRO





ATHENA — *O chale*

por MAMÍÁ ROQUE GAMEIRO

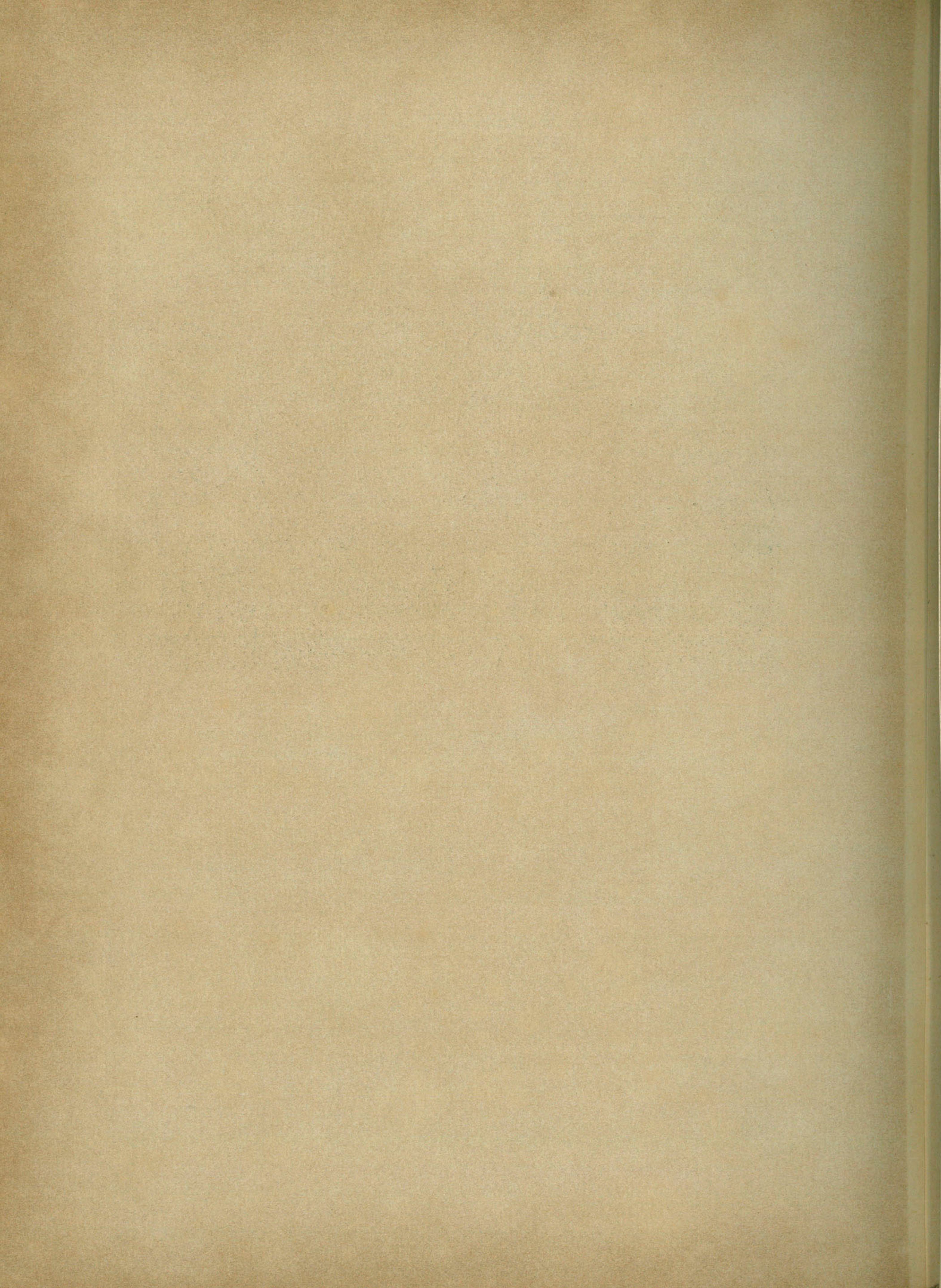




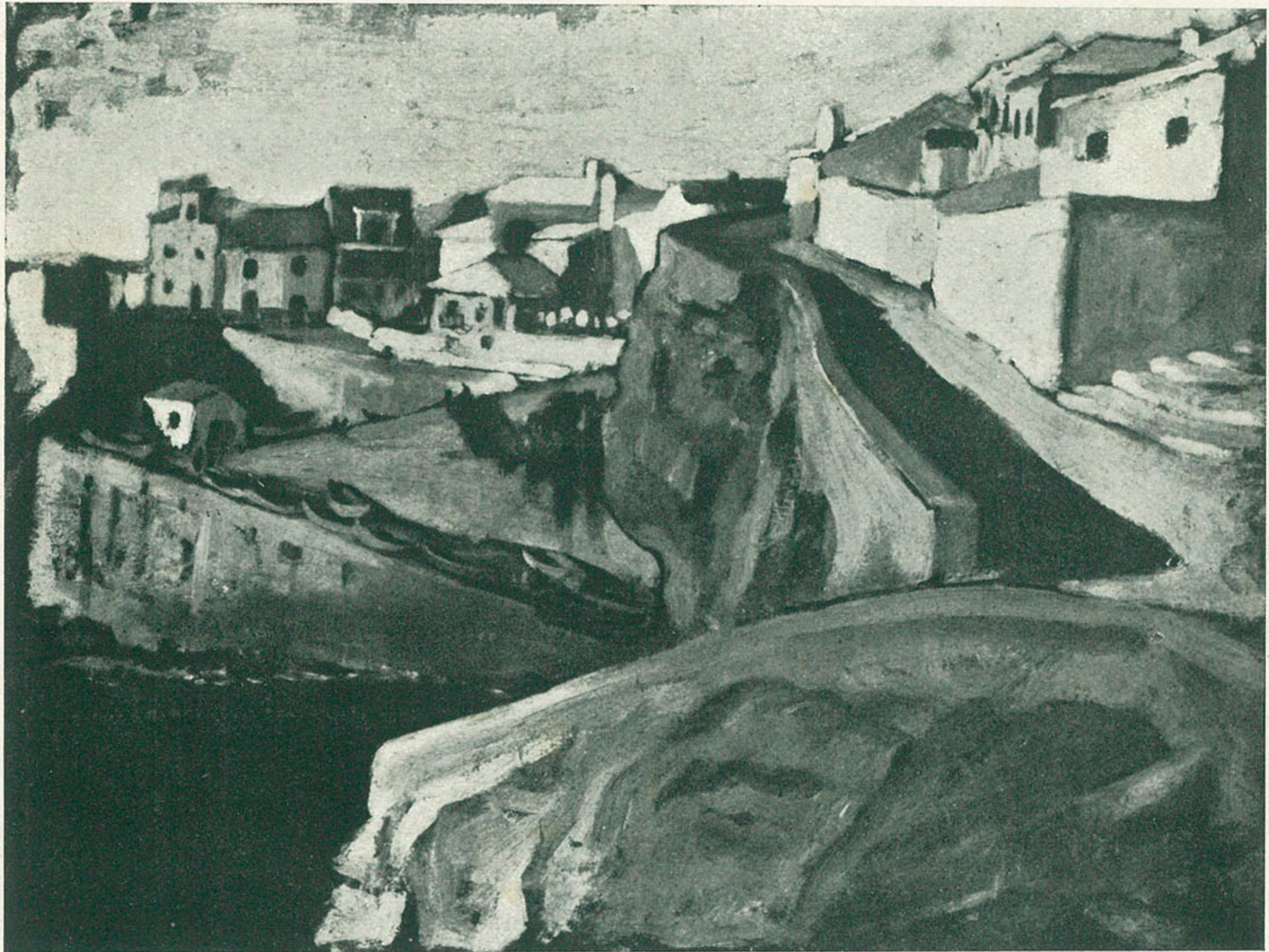
por MAMIA ROQUE GAMEIRO

MAMIA  
19120

ATHENA — Apontamentos







ATHENA — *Ericeira*

por MAMÍA ROQUE GAMEIRO





ATHENA — Retrato

por MAMIA ROQUE GAMEIRO



# I N D I C E

## TEXTO

	pag.
Athena ( <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	5
Oito Sonetos ( <i>Henrique Rosa</i> ) . . . . .	9
Pierrot e Arlequim ( <i>José de Almada-Negreiros</i> ) . . . . .	13
Odes—Livro I. ( <i>Ricardo Reis</i> ) . . . . .	19
Cartas que me foram devolvidas ( <i>Antonio Botto</i> ) . . . . .	25
O Corvo ( <i>Edgar Poe</i> , trad. de <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	27
Noticia Breve sobre um Pintor da Nova Geração: Lino Antonio ( <i>M. V.</i> ) . . .	30
A Obra do Visconde de Menezes . . . . .	31
Quatro Gravuras de Tiepolo . . . . .	33
Mario de Sá-Carneiro ( <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	41
Os Ultimos Poemas de <i>Mario de Sá-Carneiro</i> . . . . .	43
A Loucura Universal ( <i>Raul Leal</i> ) . . . . .	47
Da Anthologia Grega . . . . .	50
A Lata Velha ( <i>Augusto Ferreira Gomes</i> ) . . . . .	51
Rimas da Loa Nova e do Bom Desejo ( <i>Francisco Beliz</i> ) . . . . .	53
La Gioconda ( <i>Walter Pater</i> , trad. <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	58
O que é a Metaphysica? ( <i>Alvaro de Campos</i> ) . . . . .	59
Quatro Sonetos ( <i>Gil Vaz</i> ) . . . . .	63
Névoa ( <i>Castello de Moraes</i> ) . . . . .	65
Santa Maria de Sintra ( <i>D. José Pessanha</i> ) . . . . .	68
Os Desenhos de Almada-Negreiros ( <i>M. V.</i> ) . . . . .	74
Um Pintor Academico: Miguel Lupi . . . . .	76
A Arte do Livro ( <i>Emanuel Ribeiro</i> ) . . . . .	79
Alguns Poemas ( <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	81
Dois Contos de <i>O. Henry</i> (trad. <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	89
Dois Poemas ( <i>Luiz de Montalvor</i> ) . . . . .	103
Poemas da Razão Mathematica ( <i>Mario Saa</i> ) . . . . .	105
Rajadas ( <i>Henrique Rosa</i> ) . . . . .	109
Apontamentos para uma Esthetica Não-Aristotelica — I ( <i>Alvaro de Campos</i> ) .	113
As Gravuras em Madeira de Mily Possoz ( <i>M. V.</i> ) . . . . .	116
Ex-Libris ( <i>Cardoso Martha</i> ) . . . . .	117
Noticia Breve sobre Manuel Maria Bordallo Pinheiro . . . . .	123

	pag.
Christmas Cake ( <i>Carlos Lobo de Oliveira</i> ) . . . . .	125
Uma Noite ( <i>Antonio de Sèves</i> ) . . . . .	135
Escolha de Poemas de <i>Alberto Caeiro</i> (De «O Guardador de Rebanhos») .	145
Apontamentos para uma Esthetica Não-Aristotelica — II ( <i>Alvaro de Campos</i> )	157
Os Poemas Finaes de <i>Edgar Poe</i> (trad. <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	161
A Alvaro de Campos ( <i>Mario Saa</i> ) . . . . .	165
Soares dos Reis ( <i>M. V.</i> ) . . . . .	168
A Decisão de Georgia ( <i>O. Henry</i> , trad. <i>Fernando Pessoa</i> ) . . . . .	173
Sonetos ( <i>Francisco Costa</i> ) . . . . .	185
O Meu Instincto ( <i>Antonio Alves Martins</i> ) . . . . .	189
Prologo e Oração sobre a Montanha ( <i>Alberto de Hutra</i> ) . . . . .	193
Escolha de Poemas de <i>Alberto Caeiro</i> (Dos «Poemas Inconjunctos») . . . .	197
Gravuras de <i>Franciscò Bartolozzi</i> . . . . .	205
A Pintura Realista e o «Virtuosismo» (A Proposito de Alguns Quadros de Mamía Roque Gameiro) ( <i>M. V.</i> ) . . . . .	205

## ESTAMPAS

a seguir a pag.

Tiepolo — 4 gravuras . . . . .	34
Lino Antonio — 5 quadros . . . . .	40
Visconde de Menezes — 11 quadros . . . . .	40
«Santa Maria de Sintra» — 15 ill . . . . .	68
«A Arte do Livro» — 9 gravuras . . . . .	76
Almada-Negreiros — 4 desenhos . . . . .	80
Miguel Lupi — 2 quadros e 2 desenhos . . . . .	80
Mily Possoz — 4 gravuras em madeira . . . . .	116
Ex-Libris — 20 reproducções . . . . .	117
Manuel Maria Bordallo Pinheiro — 1 desenho e 4 quadros . . . . .	124
Soares dos Reis — 8 reproducções . . . . .	168
Bartolozzi — 1 gravura . . . . .	205
Mamía Roque Gameiro — 2 desenhos e 3 quadros . . . . .	205

## ERRATA

Aparte pequenos erros, de facil correcção pelo leitor, ha a notar neste volume só dois, que são de maior vulto. A palavra «caricaturas», na nota da 1.ª col de pag. 79, deve ser «cantoção». No verso «A esta febre de Além, que me consome», a pag. 81, a primeira palavra deve ser «E».









